



ÁREA DE VIDA DIÁRIA E INTENSIDADE DE USO DO HABITAT POR *D. AURITA* INTRODUZIDO EM UM AMBIENTE DESCONHECIDO

TORQUETTI, C. G.¹ (camilatorquetti@yahoo.com.br); ALMEIDA, A. J.¹; ARAÚJO, R. A.^{1,2}; TALAMONI,
S. A.¹.

¹Programa de Pós Graduação em Zoologia de Vertebrados PUC Minas, Belo Horizonte, Brasil. ²Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Ciências Biológicas da PUC Minas.

INTRODUÇÃO

Os marsupiais neotropicais da Ordem Didelphimorphia possuem seus representantes na Família Didelphidae, com distribuição geográfica desde a América do Norte até a Argentina. São considerados animais de pequeno a médio porte e com massa corporal entre 10 e 3000 g. Dentre estes, *Didelphis albiventris* e *Didelphis aurita* são popularmente conhecidos como gambás e muitas vezes são encontrados habitando os mesmos ambientes, apesar de possuírem várias características ecológicas semelhantes. Possuem hábitos noturnos e solitários, além da capacidade de adaptação aos mais variados habitats, vivendo até mesmo em grandes centros urbanos. Ambos são freqüentemente amostrados em quase toda a área de suas distribuições geográficas.

É conhecido que nenhum animal se locomove ao acaso em seu ambiente, apresentando preferências por locais mais familiares, favorecendo, dentre outras coisas, o encontro de alimento e abrigos. A área utilizada para essas atividades em uma noite, pelos animais, pode ser definida como área de vida diária e comumente vem sendo estimada com a técnica do carretel de rastreamento (MILES *et al.* 1981). Metodologia que também pode ser utilizada para mensurar a intensidade de locomoção dentro dessas áreas (intensidade de uso do habitat).

Com a crescente alteração do ambiente natural por atividades antrópicas, a mastofauna vem sofrendo constantes efeitos relacionados com a perda de habitats. Como forma de evitar a extinção de espécie em algumas áreas, os chamados “resgates de fauna” são executados visando posteriormente a translocação de indivíduos para ambientes que serão mantidos intactos, acreditando ser a melhor maneira de proteger esses animais. Contudo, poucos trabalhos têm se dedicado a estudar o comportamento e o modo de vida dos animais translocados. O presente estudo analisou a área de vida e a intensidade de uso do habitat de um

indivíduo de *D. aurita* introduzido em um ambiente desconhecido, cujos dados foram comparados com o modo de vida de outra espécie de mesmo gênero, *D. albiventris*, previamente existente no local.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados da população de gambás nativos foi realizada entre os meses de setembro/06 a abril/07 na mata da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) (19°55'11"S e 43°59'29"W). A reserva é florísticamente caracterizada como área de vegetação mesófila semidecidual, com aproximadamente 10 ha, circundada pelo ambiente urbano do município de Belo Horizonte, Brasil. Os dados fizeram parte de um estudo utilizando as metodologias de captura, marcação e recaptura e carretel de rastreamento. Uma fêmea de *D. aurita* introduzida acidentalmente na mata da PUC Minas apresentava três filhotes em seu marsúpio e, segundo informações, teria fugido de algum laboratório de pesquisa da universidade. No dia seguinte à sua fuga, foi capturada pela equipe de pesquisa local que aplicaram um carretel de rastreamento. A técnica do carretel consiste em aderir um casulo de linha com cola de Cianocrilato (Superbonder®) no dorso dos indivíduos. A linha se solta através de um orifício na extremidade do carretel e a ponta da linha é amarrada em alguma árvore próxima à armadilha, dessa forma, o trajeto do animal fica marcado pelo desenrolar da linha. Esta é mapeada com auxílio de bússola e trena para estimar a área total de área de vida diária, que consiste em 100% da área do polígono convexo mínimo (MCP), formado pelos pontos de mudança de direção durante a locomoção dos indivíduos. A intensidade do uso do habitat (IU) é definida pelo total de linha recolhido para cada animal, dividido pelo seu (MCP)^{0,5} (LORETTO & VIEIRA, 2005). Alguns meses após a aplicação do carretel a fêmea de *D. aurita* foi recapturada e devolvida ao laboratório de origem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 14 carretéis mapeados, sendo um carretel para o indivíduo de *D. aurita* e 13 carretéis para *D. albiventris*, tendo sido consideradas para análise somente fêmeas maiores de 500 g e aparentemente reprodutivas, visando a melhor comparação de dados. Das fêmeas de *D. albiventris* foi mapeado o total de 1802.97 m de linha (média = 138.69; d.p. = 75.54; mín. = 41.89, máx. = 304.73). Os valores biométricos médios obtidos foram: comprimento da cauda = 327.08 mm, da orelha = 35.31 mm, da pata posterior = 44.08 mm e massa corporal = 1030 g. A média da área de vida diária foi de 1081.33 m² (d.p. = 975.44; mín. = 57.38, max. = 3823.29), enquanto para a intensidade de uso do hábitat foi obtido o valor médio de 4.59 (d.p. = 1.14; mín. = 3.72, max. = 7.80). Para a fêmea de *D. aurita* os valores biométricos foram: comprimento da cauda = 200 mm, da orelha = 36 mm, da pata posterior = 46.70 mm e massa corporal = 860 g. A área de vida diária, mapeada um dia após a soltura foi de 11480.94 m², e a intensidade de uso do hábitat foi de 3.90. A fêmea translocada se locomoveu predominantemente por trilhas largas existentes dentro da mata, preferindo lugares mais abertos, enquanto os indivíduos da mata utilizam as mesmas trilhas apenas para atravessar de um lado ao outro. Apesar dos indivíduos analisados pertencerem a espécies diferentes e já terem sido descritas variações interespecíficas na área de vida diária e na intensidade de uso do hábitat relacionadas com o tamanho corporal, *D. aurita* e *D. albiventris* apresentam massa corpórea e comprimento corporal semelhantes, além do mais, apresentam dieta e comportamento no hábitat semelhantes. Dessa forma era esperado que as áreas de vida diária de ambas as espécies fossem semelhantes, porém o indivíduo introduzido apresentou valor maior quando comparado com a média dos indivíduos nativos. Provavelmente tal comportamento é efeito da liberação do animal em um ambiente totalmente desconhecido. CHIARELLO *et al.* (2004) estudaram o comportamento de preguiças-de-coleira (*Bradypus torquatus*) translocadas com rádio colar durante três anos e observaram que a área de vida dos indivíduos diminuiu com o passar do tempo, apresentando os valores mais altos no primeiro ano de translocação. O deslocamento em estradas existentes na mata, observado para *D. aurita*, deve proporcionar uma maior amplitude de visão no ambiente desconhecido, por outro lado, tal comportamento em áreas com a presença de um número maior de predadores poderia constituir um risco maior para os animais translocados.

Podemos concluir que o indivíduo adicionado em ambiente desconhecido apresentou área de vida diária maior do que o esperado. Além do mais, animais translocados podem usar o ambiente de forma diferenciada, aumentando o risco de predação por outras espécies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIARELLO, A. G.; CHIVERS, D. J.; BASSI, C.; MACIEL, M. A. F.; MOREIRA, L. S.; BAZZALO, M. 2004. A translocation experiment for the conservation of maned sloths *Bradypus torquatus* (Xenarthra, Bradypodidae). *Biological Conservation*, 118: 421-430.
- LORETTO, D. & VIEIRA, M. V. 2005. The effects of reproductive and climatic seasons on movements in the black-eared opossum (*Didelphis aurita* Wied-Neuwied, 1826). *Journal of Mammalogy*, 86: 287-293.
- MILES, M. A.; DE SOUZA, A. A. & POVOA, M. M. 1981. Mammal tracking and nest location in Brazilian forest with an improved spool-and-line device. *Journal of Zoology*, 195: 331-347.

(Apoio: FAPEMIG)